

# Mais que empresário: **cinéfilo**

Pedro Sobreiro

Na Mostra SP, criador da Mubi revelou os desafios de manter um streaming Cult

Por Pedro Sobreiro



Mais do que um festival de cinema, a 48ª Mostra de São Paulo promove momentos importantes para o segmento como

o IV Encontro de Ideias Audiovisuais, que trouxe ao Brasil o turco Efe Cakarel, o criador da Mubi, a mais cult das plataformas de streaming e a que mais cresce no mundo.

O empresário contou sobre o surgimento de sua plataforma há 17 anos, e quais as projeções da empresa para o futuro, já que eles emplacaram um sucesso mundial nas telonas, com chances fortíssimas de aparecer nas principais cerimônias de premiação: “A Substância”.



No painel, Cakarel se definiu como alguém “terrivelmente apaixonado por cinema” e contou que a ideia da Mubi surgiu em um café em Tóquio. Formado em Engenharia Elétrica e Ciência da Computação pelo MIT, ele parecia ver nesse mundo matemático o seu futuro. Porém, ele tinha essa paixão pela Sétima Arte. Na época, ele queria assistir “Amor à Flor da Pele” (2000), de Wong Kar-Wai, mas não encontrava o título em lugar nenhum. Então, foi entre 2006 e 2007 que surgiu a ideia de fazer uma plataforma onde o público pudesse encontrar esses filmes que aparentemente não interessavam às grandes empresas.

“Por volta de 2006, 2008, eu sabia que pre-

**Efe Cakarel deu início ao MUBI para abrigar filmes que ele não encontrava nas plataformas convencionais**

cisava ir para Cannes se quisesse ter acesso aos melhores produtores, mas não tinha um filme e mal tinha um serviço que pudesse ser reconhecido pela organização. Então decidi arriscar e enviar um e-mail para eles, dizendo que nos próximos 17 anos, se quisessem expandir o lançamento dos filmes, teriam que abraçar nossa ideia. E para a minha surpresa, me credenciaram para o Festival de Cannes. Quando cheguei ao “Le Palais”, estava me tremendo todo.

Inicialmente, a Mubi investia nos chamados filmes de catálogo, que ficam disponíveis após três anos do lançamento cinematográfico de forma não exclusiva. Isso permitiu que a Mubi fosse notada por grandes nomes.

## Virada de chave

Mas houve uma grande frustração, que acabaria se tornando uma virada de chave na empresa: “Parasita”.

“Em 2019, assisti o filme e fiquei fascinado. Na época, ninguém fazia ideia do sucesso que ele viria a se tornar. Negociei para viabilizar seu lançamento exclusivo na Mubi imediatamente após a sair de cartaz dos cinemas, e estava praticamente tudo certo. Só que o filme começou a ter aquele desempenho espetacular nos festivais internacionais e recebi uma ligação dizendo: ‘Efe, a Amazon fez uma oferta irrecusável. Não vamos poder continuar com o acordo’. Nesse momento tudo mudou. Isso nunca poderia acontecer novamente. Sabe? Uma coisa é eu ter ‘Parasita’ no catálogo hoje. Outra coisa completamente diferente é ter ‘Parasita’ no seu streaming dois, três meses depois do lançamento do filme. Foi então que entendi que se quisesse ter filmes no meu catálogo, eu teria que conseguir os direitos completos. Eu teria que entrar no ramo de distribuição”, explicou.

## CRÍTICA / FILME / O VIDREIRO

# Acerto estético

Uma das maiores vantagens de eventos como a Mostra de São Paulo seja a oportunidade de assistir filmes que repercutem mundialmente, mas que, de forma inexplicável, dificilmente entrarão em circuito nos cinemas brasileiros. Nesse cenário, a animação ‘O Vidreiro’ fez sua estreia em terras brasileiras nas salas da 48ª Mostra Internacional de Cinema em São Paulo.

Dirigido por Usman Riaz, ‘O Vidreiro’ é o primeiro filme de animação feito completamente em 2D da história do Paquistão. Inspirado nos sucessos de Hayao Miyazaki, do Studio Ghibli, o longa é uma história de amor e guerra entre dois apaixonados pela arte e suas diversas manifestações.

O longa vem se destacando internacionalmente e foi escolhido para ser o representante paquistanês na disputa por uma vaga na categoria de Melhor Filme Estrangeiro do Oscar, categoria na qual ‘Ainda Estou Aqui’ provavelmente representará o Brasil, por exemplo. Ou seja, é um projeto que conta com plena confiança do país.



Divulgação

A trama acompanha Vincent, um jovem vidreiro adepto do pacifismo, e Alliz, a filha do heroico coronel que tenta defender o país no front da guerra em que estão inseridos. Nesse contexto, a duplinha se conhece ainda na infância e cresce com o sonho de viverem da arte. Vincent usa sua sensibilidade e talento para moldar o vidro, enquanto Alliz manja o violino com uma capacidade musical

sobrenatural. O tempo passa, a guerra avança e os dois vão crescendo cada vez mais colados, até que a vida adulta chega, separando os queridos.

O grande destaque do filme é a estética. Sem sombra de dúvidas, o trabalho de aproximadamente uma década da produção para fazer esse filme de forma quase artesanal valeu cada segundo. Os detalhes, os figurinos, os ce-

nários... É tudo meticulosamente construído da forma mais fascinante possível. Mas nada supera as cenas de Vincent moldando o vidro e construindo suas estruturas. São lindíssimas.

Narrativamente falando, o filme tem seus momentos de confusão, principalmente pela inserção de uma trama sobre os Djinn, uma criatura mitológica muito popular na cultura local. O Djinn mais famoso da cultura pop mundial é o gênio da lâmpada, dos contos do Aladdin, mas em ‘O Vidreiro’, ele assume um papel menos cômico e mais fiel ao mito paquistanês. O problema é que fica realmente confuso em meio a esse cenário de amor em meio a guerra.

No fim das contas, além do visual sensacional, o grande mérito do filme é construir esse amor pelas diferentes formas da arte. Vincent e Alliz se conectam e desenvolvem sua relação por meio da paixão pela arte um do outro. E o que é o cinema se não a celebração da arte? É um filme interessantíssimo que merece um espaço nos cinemas brasileiros, mesmo que de forma breve. **(P.S.)**